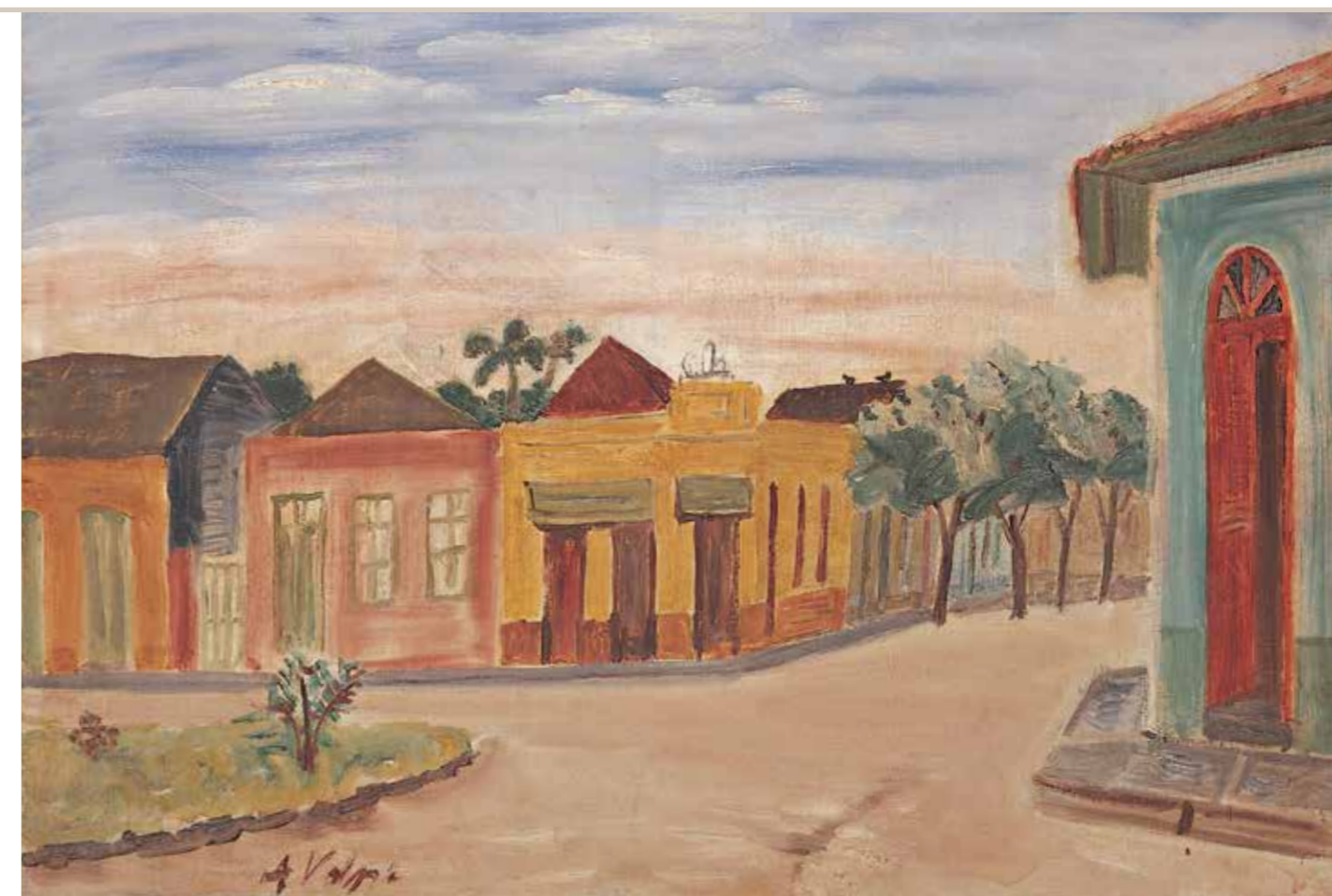




Tudo dormia.
Não era noite nem dia.
A madrugada coloria o céu
e uma leve aquarela tingia
o infinito de azuis, vermelhos e amarelos.
No mais, tudo se aquietava.
As fachadas das casas com suas paredes caiadas,
portas e janelas fechadas,
tudo esperando a chegada do sol.





E junto com o sol
vai chegando meu tio,
montado em seu cavalo.
As patas do animal cantando
no chão alaranjado de terra batida.
– Poc, poc, poc.
O sítio acorda com seus primeiros moradores.
A senhora, da casinha branca,
abre a porta e chama o pessoal
para a refeição matinal.
– Tem pão e café fresco no bule.
E o povo vai entrando, sentando.
E então amanhece
e toda a gente desce
para mais um dia de trabalho.



"O trabalho é bom,
ele é necessário",
pensava meu tio.
"Mas também é preciso brincadeira, sonho",
repetia ele, de cima de seu cavalo.
E o pessoal da pequena cidade
saía da janela, atravessava as ruas,
caminhava pelas calçadas.
Enquanto isso, o dia raiava
e meu tio passava
e pensava em alegrar o mundo.



16



17